Fábrica de Noobs

Desmistificando: Mokele-mbembe

Natanael Antonioli

Agosto de 2025

1. SUMÁRIO

2. Com o que estamos lidando? 3
3. Como a noção de dinossauros vivos na África surgiu? 4
4. Como a notícia foi recebida na África? 7
5. Como a lenda foi transferida da Rodésia para o Congo? 8
6. Qual foi resposta para essas notícias? 11
7. Quais registros vieram em seguida? 12
8. O que as expedições dos anos 80 revelaram? 14
9. No que as expedições do começo da década de 80 resultaram? 23
10. Mas qual era a imagem original do Mokele-mbembe? 25
11. O que as expedições após 1980 trouxeram? 27
12. Quais animais podem ser confundidos com o Mokele-mbembe? 29
13. Quais registros são indistinguíveis de objetos inanimados? 34
14. Quais registros são forjados? 36
15. O som gravado por Regusters e Kia tem identificação? 37
16. Há representações artísticas antigas do Mokele-mbembe? 38
17. O que são os moldes de pegadas e os caminhos fotografados? 42
18. Pessoas desenham o Mokele-mbembe como um saurópode? 44
19. O Mokele-mbembe pode ser um rinoceronte? 46
20. Conclusões 47

2. COM O QUE ESTAMOS LIDANDO?

Na mitologia bantu, Mokele-mbembe é uma criatura aquática que habita a Bacia do Rio Congo, vista por muitos como um dinossauro saurópode cuja espécie sobreviveu à extinção.

A reprodução da história fica por conta dos canais Você Sabia e Fatos Desconhecidos (https://www.youtube.com/results?search_query=MOKELE+MBEMBE).

Figura 1: reprodução da história.

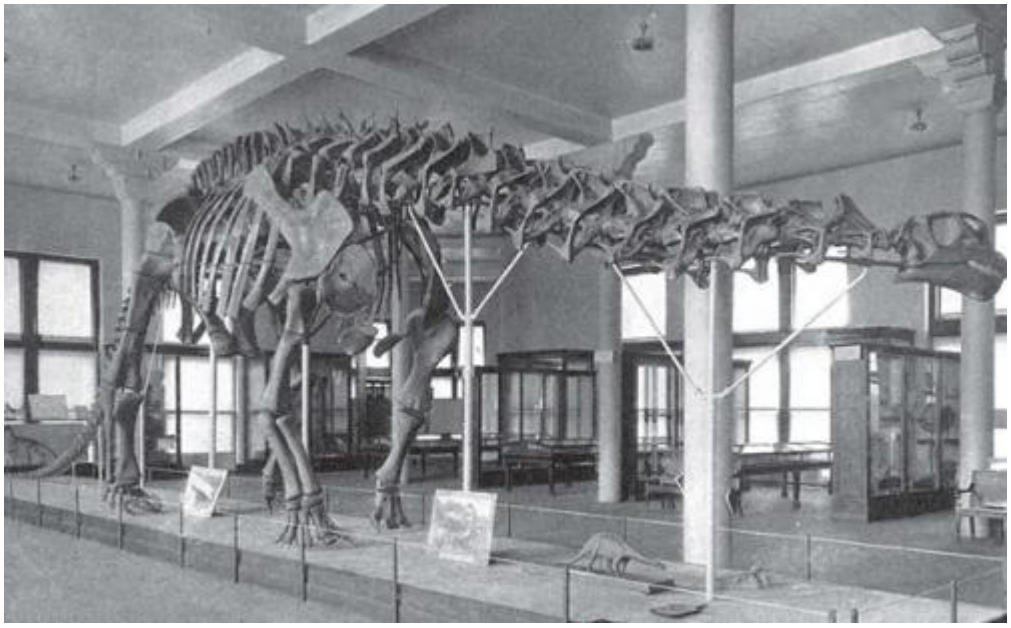
FATOS
LENDA OU
REALIDADE?
ASSUSTADOR! Mokele-mbembe: O Último Dinossauro vivo da Terra!
77 mil visualizações • há 2 anos
Fatos Desconhecidos
Desde o séc. XVIII até o início do séc. XX, uma criatura povoou a mente de africanos e também estrangeiros que se aventuravam ...
4K
13:32
O ÚLTIMO DINOSSAURO AINDA VIVO - MOKELE MBEMBE
12 mi de visualizações • há 6 anos
Você Sabia?
MOKELE MBEMBE, O ÚLTIMO DINOSSAURO AINDA VIVO COMERCIAL: contato@projetovs.com.
6 capítulos Introdução | Continente Africano | Rio Congo | James Powell | Maio de 1999 | 300 anos

3. COMO A NOÇÃO DE DINOSSAUROS VIVOS NA ÁFRICA SURGIU?

A África **é o continente em que existem as maiores criaturas terrestres**, como elefantes, rinocerontes, girafas e hipopótamos. Naturalmente, mitos sobre criaturas igualmente grandes ou ainda maiores **também existem entre povos africanos.**

No final do século XIX e começo do século XX, o continente africano **ainda era visto por europeus e americanos como uma região inóspita, inexplorada e desconhecida**. Também nessa época, dinossauros **se tornavam bastante populares**, especialmente com as primeiras exibições de esqueletos de saurópodes.

Figura 2: brontossauro exposto em Nova York no ano de 1915.



Histórias de ficção sobre dinossauros ainda vivos nos dias de hoje **também surgiram nessa época**, como *The Lost World*, de Arthur Conan Doyle, e *The Land That Time Forgot*, de Edgar Rice Burroughs.

Em 1907, Bernhard Sattler e Eberhard Fraas descobriram, na região que hoje é a Tanzânia, **ossos fossilizados de Giraffatitan, outro gênero de saurópode**. A escavação produziria novas descobertas até 1931.

Figura 3: pata traseira sendo escavada na região.

Inspirado por essas tendências e descobertas, o vendedor de animais exóticos e apresentador circense Carl Hagenbeck publicou o livro *Beasts and Man* em 1909 (https://dn790000.ca.archive.org/0/items/beastsmenbeingca00hage/beastsmenbeingca00hage.pdf) **no qual a noção de saurópodes ainda vivos na África é introduzida**.

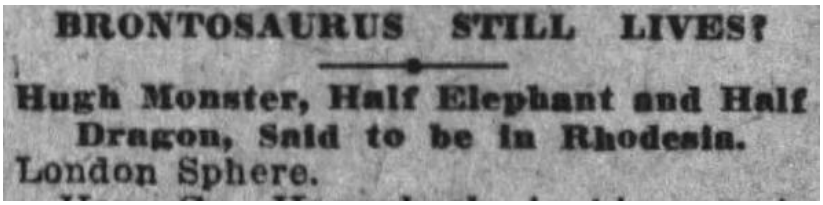
Figura 4: trecho do livro.

Some years ago I received reports from two quite distinct sources of the existence of an immense and wholly unknown animal, said to inhabit the interior of Rhodesia. Almost identical stories reached me, firstly, through one of my own travellers, and, secondly, through an English gentleman, who had been shooting big-game in Central Africa. The reports were thus quite independent of each other, and, as a matter of fact, the Englishman and my traveller had made their way into Rhodesia from opposite directions, the one from the north-east and the other from the south-west. The natives, it seemed, had told both my informants that in the depth of the great swamps there dwelt a huge monster, half elephant, half dragon. This, however, is not the only evidence for the existence of the animal. It is now several decades ago since Menges, who is of course perfectly reliable, heard a precisely similar story from the negroes; and, still more remarkable, on the walls of certain caverns in Central Africa there are to be found actual drawings of this strange creature. From what I have heard of the animal, it seems to me that it can only be some kind of dinosaur, seemingly akin to the brontosaurus.

O texto afirma que o autor conheceu lendas sobre **um animal que habita o interior da Rodésia (atual Zimbábue), tem grande tamanho, e é metade elefante, metade dragão**. O autor conclui que a criatura só pode ser um saurópode como o brontossauro.

O tema ganhou bastante repercussão na América e na Europa, e diversos jornais **divulgaram a notícia com bastante entusiasmo**.

Figura 5: trecho de notícia (https://www.newspapers.com/article/the-montgomery-advertiser/178205469/).

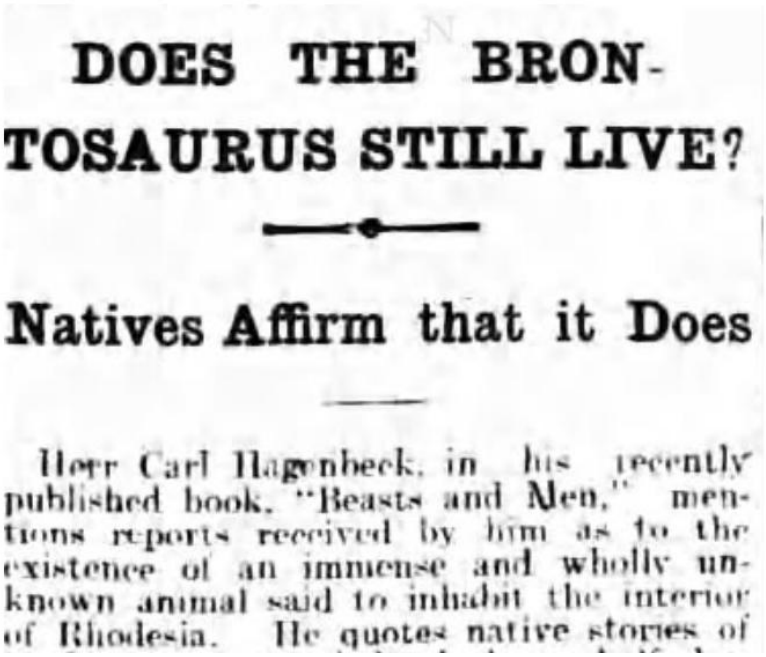


BRONTOSAURUS STILL LIVES?

Hugh Monster, Half Elephant and Half Dragon, Said to be in Rhodesia.

London Sphere.

Figura 6: trecho de notícia (https://www.newspapers.com/article/saturday-journal/178205543/).



DOES THE BRON-
TOSAURUS STILL LIVE?

Natives Affirm that it Does

Herr Carl Hagenbeck, in his recently published book, "Beasts and Men," mentions reports received by him as to the existence of an immense and wholly unknown animal said to inhabit the interior of Rhodesia. He quotes native stories of

4. COMO A NOTÍCIA FOI RECEBIDA NA ÁFRICA?

Ao passo que a África ainda era vista por europeus e americanos como um continente inóspito e ocupado por selvagens, africanos tinham outra visão e **reagiram à publicação de Hagenbeck de uma forma totalmente diferente**.

Um jornal da Uganda, o *Uganda Herald*, **comentou em 1913 que "pode não haver nenhuma verdade nessa história, e provavelmente não há"**. Já E. C. Chubb, zoólogo no Museu da Rodésia, havia passado um mês realizando pesquisas na região em que a criatura deveria viver, e **mencionou em entrevista não a ter visto, nem ouvido rumores de sua existência**.

Um homem respondeu à Chubb, alegando que esteve na mesma região **e ouviu rumores sobre uma criatura monstruosa**, bem como conheceu dois homens que disseram ter a visto. Porém, ele também afirmou que **a criatura descrita nada se assemelhava a um saurópode**, sendo mais **uma quimera imaginária com a cabeça e cauda de um crocodilo, dentes de rinoceronte, pescoço de cobra e corpo de hipopótamo**.

Em 1911, Paul Graetz, soldado alemão e aventureiro, **decidiu explorar o Lago Bangweulu, na Zâmbia**, para descobrir mais a respeito de uma criatura que os locais chamavam de Nsanga.

Ele descreveu o local como "majoritariamente inexplorado ainda no presente", o que causou certa repercussão negativa: um correspondente escreveu que viveu às margens do lago por três anos, **pescou e caçou**, **viu centenas de homens brancos fazendo o mesmo**, e sabe que **a criatura em questão não é nada mais que folclore**.

Ainda assim, Paul realizou sua expedição e reportou **ter ouvido lendas sobre o Nsanga, mas não ter sido capaz de caçar um**. Porém, ele disse ter obtido alguns exemplares de sua pele que, infelizmente, não mais têm paradeiro conhecido no presente.

5. COMO A LENDA FOI TRANSFERIDA DA RODÉSIA PARA O CONGO?

Até agora, saurópodes vivos **foram associados com a Zâmbia e o Zimbábue**, países vizinhos. Ao mesmo tempo, outras alegações surgiram em diferentes partes da África, mas não se tornaram lendas de grande relevância.

Em 1913, o oficial alemão Ludwig Freiherr von Stein zu Lausnitz realizou uma expedição no que hoje é Camarões mas, na época, era uma colônia alemã. Seu registro jamais foi publicado em sua forma original, especialmente porque a Alemanha perdeu a colônia em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial.

Porém, uma citação em outra obra traz um parágrafo a respeito do que von Stein ouviu dos nativos. O animal seria chamado de Mokele-mbembe, **e é descrito como possuindo o tamanho de um elefante, com um pescoço longo e flexível, e somente um dente ou chifre muito longo, com cauda de um jacaré**. O animal se esconde em cavernas formadas pela erosão do rio, e, apesar de **atacar canoas que se aproximam delas, não mata os ocupantes porque é herbívoro**.

Figura 7: trecho da obra.

The animal is said to be of a brownish-gray color with a smooth skin, its size is approximately that of an elephant; at least that of a hippopotamus. It is said to have a long and very flexible neck and only one tooth but a very long one; *some say it is a horn.* A few spoke about a long, muscular tail like that of an alligator. Canoes coming near it are said to be doomed; the animal is said to attack the vessels at once and to kill the crews but without eating the bodies. The creature is said to live in the caves that have been washed out by the river in the clay of its shores at sharp bends. It is said to climb the shores even at daytime in search of food; its diet is said to be entirely vegetable. This feature disagrees with a possible explanation as a myth. The preferred plant was shown to me, it is a kind of liana with large white blossoms, with a milky sap and applelike fruits. At the Ssômbo River I was shown a path said to have been made by this animal in order to get at its food. The path was fresh and there were plants of the described type nearby. But since there were too many tracks of elephants, hippos, and other large mammals it was impossible to make out a particular spoor with any amount of certainty.[42]

Em 1919, uma notícia publicada originalmente em Londres, mas republicada em jornais do mundo todo (https://www.newspapers.com/article/the-ogden-examiner/178245503/) afirmavam que **um "monstro primitivo" com 7 metros, duas presas e um chifre, havia atacado uma vila no Congo Belga e matado nativos**. Além disso, o diretor de um museu afirmou que **é possível que muitos monstros do tipo vivam em regiões de pântanos ainda intocados da região**.

Figura 8: notícia em questão.

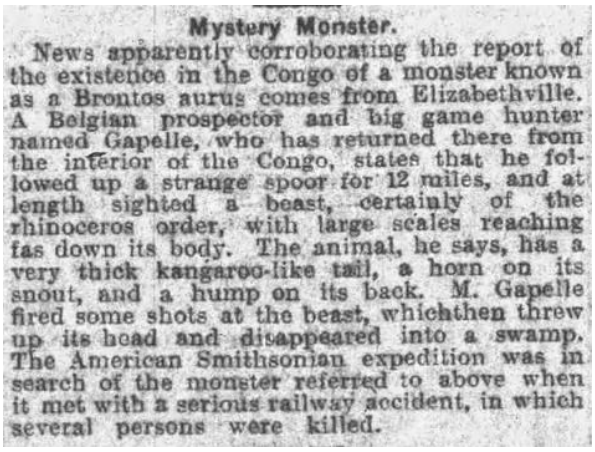
HUNTER IN BELGIAN CONGO RUSHED BY PRIMEVAL MONSTER

Port Elizabeth, Dec. 8.—The head of the local museum here has received information from a Mr. Lepage, who was in charge of railway construction in the Belgian Congo, of an exciting advanture last month. While Lepage was hunting one day in October he came upon an extraordinary monster, which charged at him. Lepage fired, but was forced to flee, with the monster in chase. The animal before long gave up the chase, and Lepage was enabled to examine it through his binoculars. The animal, he says, was about twenty-four feet in length, with a long pointed snout adorned with tusks like horns and a short horn above the nostrils. The front feet were like those of a horse and the hind hoofs were cloven. There was a scaly hump on the monster's shoulders.

The animal charged through the native village of Fungurume, destroying the huts and killing some of the native dwellers. A hunt was at once organized, but the government has forbidden the molestation of the animal on the ground that it is probably a relic of antiquity. There is a wild, trackless region in the neighborhood, which contains many swamps and marshes, where, says the head of the museum, it is possible that a few of the primeval monsters survive.

Também em 1919, outra notícia (https://www.newspapers.com/article/south-wales-argus/178246505/) afirma que **notícias do Congo Belga parecem sustentar a existência de um monstro conhecido como *Brontos auros***. Um caçador **havia visto um grande animal com pele escamosa, um chifre, e rabo semelhante ao de um canguru**. Ele fez alguns disparos contra a criatura, **mas ela submergiu em um pântano**. Já uma expedição da Smithsonian procurava encontrar o dinossauro, mas terminou em um trágico acidente ferroviário.

Figura 9: notícia em questão.



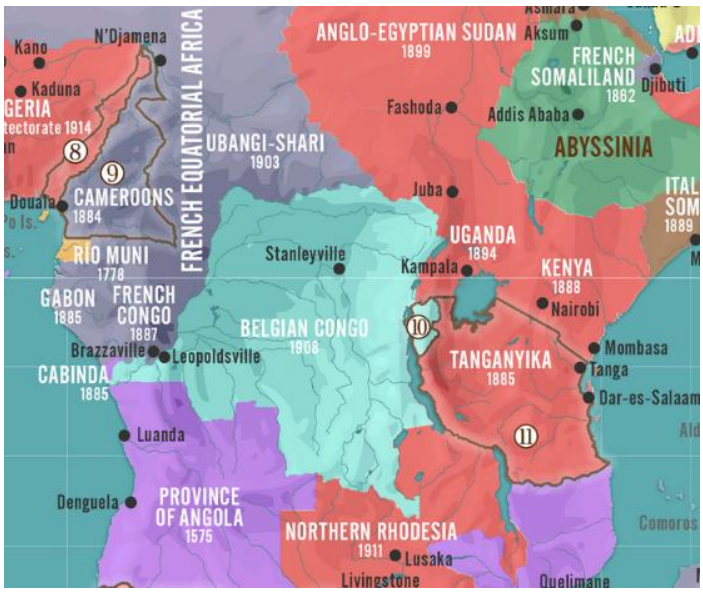
Mystery Monster.

News apparently corroborating the report of the existence in the Congo of a monster known as a Brontos aurus comes from Elizabethville. A Belgian prospector and big game hunter named Gapelle, who has returned there from the interior of the Congo, states that he followed up a strange spoor for 12 miles, and at length sighted a beast, certainly of the rhinoceros order, with large scales reaching fas down its body. The animal, he says, has a very thick kangaroo-like tail, a horn on its snout, and a hump on its back. M. Gapelle fired some shots at the beast, whichthen threw up its head and disappeared into a swamp. The American Smithsonian expedition was in search of the monster referred to above when it met with a serious railway accident, in which several persons were killed.

Assim, uma notícia **inicialmente a respeito de uma criatura monstruosa do folclore local na Zâmbia** acabou **por ser sincretizada com um folclore parecido em Camarões, obtendo o nome Mokele-mbembe**. Até esse momento, **a criatura não era imaginada como um saurópode**.

Camarões deixou de ser colônia alemã em 1916 e foi então dividido entre a França e o Reino Unido, mas estava suficientemente próximo do Congo Belga para que notícias de 1919 sobre o Congo Belga **associassem o mito do Mokele-mbembe com supostos avistamentos de criaturas saurópodes**, o que efetivamente **tornou a criatura um saurópode**.

Figura 10: mapa da região em 1920.



6. QUAL FOI RESPOSTA PARA ESSAS NOTÍCIAS?

Porém, essas duas histórias **foram recebidas com muito mais ceticismo, inclusive apoiado por relatos de primeira mão**. Para um dos jornais, um correspondente escreveu **"ter autoridade absoluta para confirmar que as notícias são fábulas"**, ao passo que outros afirmaram que **as notícias eram invenção de David Le Page**.

Um morador no Congo escreveu para seu parente na Inglaterra que **o ataque na vila jamais ocorreu**. Na realidade, um missionário chegou em uma mina próxima da vila e almoçou lá, **onde conheceu Le Page, que contou a ele essa mentira**, a qual, por sua vez, **foi repassada para a imprensa**.

Dois anos depois, uma mulher identificada como senhora Simons afirmou **conhecer Le Page e sua reputação por ter uma imaginação fértil**. Segundo ela, Le Page **contou as mentiras para o missionário, de nome Rayner**, que por sua vez **contou ao diretor do museu Porth Elizabeth, que, por fim, a repassou para a imprensa**.

Já Wentworth D. Gray, em nome da Smithsonian, confirmou o acidente ferroviário, **mas negou que a expedição estivesse procurando por dinossauros**. Ele também percebeu algo curioso: ao passo que a primeira notícia cita o próprio Le Page, a segunda notícia cita Gapelle, **que é um anagrama para "*Le Page*"**.

Apesar disso, os artigos desmentindo as fábulas de Le Page **tiveram muito menos repercussão que as próprias fábulas**. Desse momento em diante, **a lenda sobre um saurópode de nome Mokele-mbembe já estaria consolidada na América e na Europa**, o que daria início a uma série de expedições em busca do animal.

7. QUAIS REGISTROS VIERAM EM SEGUIDA?

O primeiro período após a consolidação da lenda do Mokele-mbembe é marcado por **americanos e europeus que visitam a África em busca da criatura**, e relataram seus achados.

Em 1932 – mas cuja publicação só se deu em 1958 – o criptozoólogo Ivan T. Sanderson mencionou ter visto, junto com um amigo que confirmou o avistamento, **uma criatura cuja cabeça era maior que um hipopótamo que emergiu para fora da água e então submergiu**.

Figura 11: trecho da transcrição.

Gerald Russell and I with two boys in two small canoes entered this river from below through a gorge into the Mamfe Pool at dusk, as we passed some all-but-submerged caves in the cliffside, got the shock of our lives when the most terrific noises I have heard outside of warfare issued from one of the said caves and something (and it was the top of a head we both feel sure) much larger than a hippo rose out of the water for a moment, set up a large wave and then gurgled under.

Em 1934, um explorador belga anônimo enviou um relato para o *Avenir Colonial Belge* em que mencionava **uma criatura mais alta que as árvores, com o corpo de um boi, um rabo comprido e um pescoço longo que terminava em uma espécie de crista**. Um chefe tribal possuiria a cauda de um brontossauro como troféu.

Figura 12: trecho da transcrição.

... they call it the "sanki"; when they describe it, the blacks tell you: "It exceeds the tallest trees, the body is like that of a formidable ox, with a large tail; its neck is immense and ends in a rather small head on which it has a large crest like a coxcomb; it dwells in the swamps and swims at a very great speed" ... In Kasai, I even heard of a native chief who jealously guarded the tail of a brontosaur.

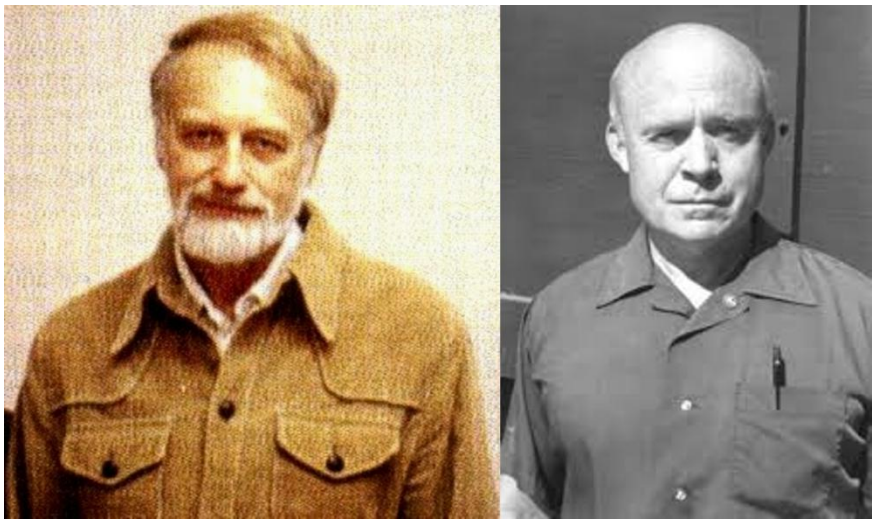
Por volta de 1941 – e em um depoimento de 1961 – Emmanuel Mossedzedi, um coronel da Força Aérea, afirmou que havia visto um animal na floresta durante um safari na sua adolescência. Ele **produziu um rascunho do que parece ser um pescoço longo**.

Figura 13: rascunho produzido pelo coronel.

8. O QUE AS EXPEDIÇÕES DOS ANOS 80 REVELARAM?

Roy P. Mackal, um bioquímico de Chicago, conheceu James Powell Jr, um explorador e pesquisador de crocodilos, em 1977. Desse encontro, Mackal **conheceu histórias sobre monstros de rio e se interessou pelo Mokele-mbembe**.

Figura 14: Mackal e Powell.



Três anos depois, Mackal havia desviado seu ramo de atuação para a criptozoologia e, junto com Powell, **iniciado uma expedição no Congo** – conta-se que Mackal estava tão ansioso pela viagem que comprou suas passagens antes mesmo de possuir um visto aprovado.

A primeira expedição de Powell e Mackal **ocorreu em 1980, e a segunda, com apoio financeiro da National Geographic, em 1981**. As expedições levantaram depoimentos e evidências materiais da existência do Mokele-mbembe, que serão analisados aqui.

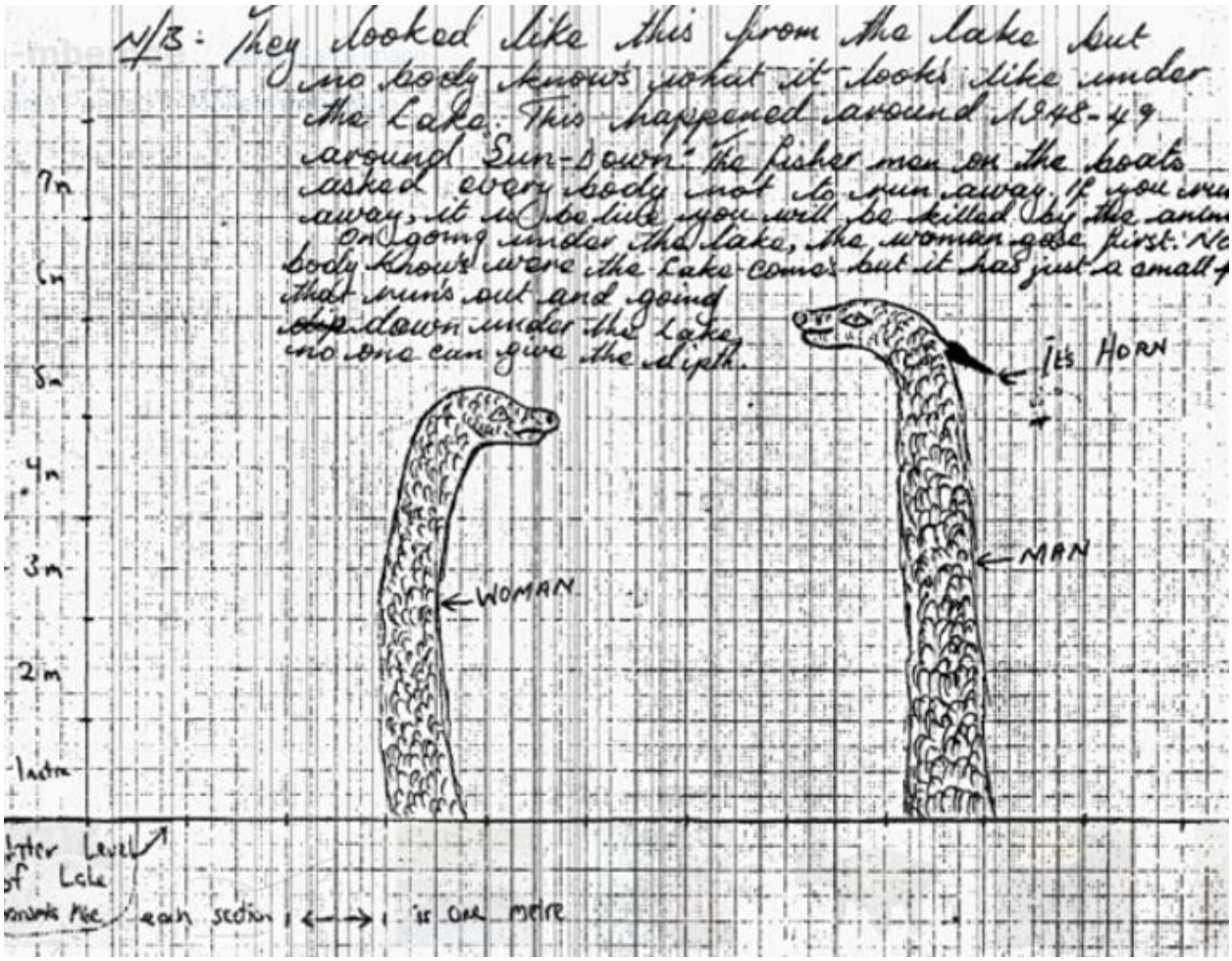
Uma testemunha entrevistada por eles se chamava Firman Mosomele. Ele alegou ter visto um Mokele-mbembe em 1935, quando tinha 14 anos. O **animal tinha um corpo marrom avermelhado e emergiu e submergiu do rio em que Firman navegava com sua canoa**, o que o deixou em pânico.

Mouassiposso, um comandante do exército local, disse que havia visto a criatura duas vezes em 1948 e ambas nas proximidades Epena. Na primeira, ele estava com sua mãe e, na segunda, sozinho. Em ambas, **a criatura era "exatamente como descrita"**.

Logo após a primeira expedição, Philip Averbuck, outro criptozoológo, publicou o testemunho de A. S. Arrey, um oficial de segurança. Ele afirmou ter visto um par de criaturas no Lago Barombi em 1948 ou 1949, quando tinha por volta de cinco anos.

Nenhum dos dois animais saiu da água, mas **foi possível observar partes de seu corpo, que era consideravelmente grande, assim como o pescoço, que era longo, e a cabeça**. Além disso, um deles, que ele assumiu ser o macho, **tinha um chifre atrás do pescoço**.

Figura 15: desenho feito por Arrey.


N/B: They looked like this from the lake but
no body knows what it looks like under
the Lake. This happened around 1948-49
around Sun-Down. the fisher man on the boats
asked every body not to run away. If you run
away, it will be like you will be killed by the anim
on going under the Lake, the woman gose first. No
body knows were the Lake comes but it has just a small
that runs out and going
down under the Lake
no one can give the depth.
HORN
MAN
WOMAN
6m
4m
3m
2m
1metre
each section is one metre

Powell e Mackal também entraram em contato com uma história a respeito de **um Mokele-mbembe abatido na região do Lago Tele em 1959** após adentrar o corpo d'água e ter seu caminho para fora bloqueado com uma represa e várias paliçadas.

Os nativos mataram o animal e comeram sua carne, **mas todos eles morreram** de forma que **nenhum participante do evento sobreviveu**. Outro Mokele-mbembe sobrevivia no lago, mas estava cada vez mais tímido, apenas **ocasionalmente colocando seu pescoço para fora da água**.

Das evidências materiais do evento, **apenas as paliçadas ainda existem**, por mais que **nenhum dos autores as tenham visto**. Restos mortais, os únicos tipos de evidências que poderiam ser indubitavelmente remanescentes da criatura, **não existem**.

Figura 16: trecho sobre o suposto evento.

... the mokele-mbembe had been entering Lake Tele from the moliba in which it lived via one of the waterways which enter the lake on its western side. After the animal had entered the lake, the pygmies blocked off its waterway by constructing a barricade of large stakes across it. When the mokele-mbembe tried to return to its moliba, it was trapped by the barricade and killed with spears. Some of the stakes used to construct the trap were large tree trunks, and are still there. The pygmies cut up the animal and ate it. All who ate of it died. The animal killed was said to be one of two. The other one – possibly a mate – is said to still be there, but has become wary and difficult to approach. However, it will occasionally stick its neck out of the water to a height of about two meters.[16]

When he was a child, about twenty-five years ago, he heard of the killing of a Mokele-mbembe at Lake Tele. He did not see the killing of this animal by pygmies, but he knew it had happened sometime before he was born. When I requested Gene to ask whether it was a long time before he was born, Pascal replied that it was not. The pygmies had cut trees about 15 centimetres (6 inches) in diameter, trimmed the branches and sharpened each to a point. These stakes were driven into the bottom of the molibo, or waterway, through which the creatures were in the habit of entering the lake. These molibos (seven in number) are rivers with lagoonlike openings into the lake. It was hoped the barrier of stakes would prevent the creatures from entering the lake and disturbing the fishing activities of the pygmies. When one of these animals was attempting to force its way through the barrier the pygmies speared it to death. Part of the celebration of their triumph consisted of cutting up and eating this creature. Their triumph was a hollow one for everyone who ate the meat died within a short time ... Because Pascal still goes to fish in the very molibo where the killing occurred, he could affirm that the stakes are there to this day, and, therefore, the story is true.[6]

Outros pesquisadores deram outras versões dessa história. Segundo Herman Regusters, o evento **ocorreu na década de 30** – e não nos anos 50 – e **envolveu o abate de dois espécimes**. Além disso, **foram necessárias nove represas para abater os animais**.

Figura 17: trecho sobre o evento.

Formerly, the environs of the lake were inhabited by the pygmies. Day after day, they had noticed the enlargement of the lake, and heard horrible noises caused by the movement of a monster. On more than three occasions, they tried to act against this monster. There came a day when a man and his wife, going fishing, noticed landslides caused by the monster the day before. They understood that this was the source of the horrible noises they heard every night.

Having found the place, they immediately went to alert the others and a plan of action was drawn up for the annihilation of the monster.

In the first and second attempts, the pygmies succeeded in reaching the beast, but it always fled by throwing itself into the lake. It was at this time that they conceived the idea of building dams along the path that the monster was taking. There were a total of nine roadblocks. They finally decided to attack the monster with spears, and each time, the dams constituted an obstacle in its progression towards the lake. It was only after crossing the ninth roadblock that the monster succumbed.

At this place where it succumbed, the pygmies, seeing the monster, which appeared to be standing, thought that the water was shallow. They then tried using poles to measure the depth, but unfortunately, these poles never reached the bottom.

Já segundo Bill Gibbons e Eugene Thomas, **alguns envolvidos ainda estavam vivos na década de 80**. Nessa versão, há dois animais e só um é morto, **mas a barreira é feita para impedir os animais de entrar no lago, não para aprisiona-los no lago**.

Figura 18: trecho sobre o evento.

Around 1960, the forest dwelling pygmies of the Lake Tele region (the Bangombe tribe), fished daily in the lake near the Molibos, or water channels situated at the north end of the lake. These channels merge with the swamps, and were used by Mokele-mbembes to enter the lake where they would browse on the vegetation. This daily excursion into the lake by the animals disrupted the pygmies fishing activities. Eventually, the pygmies decided to erect a stake barrier across the molibo in order to prevent the animals from entering the lake.

When two of the animals were observed attempting to break through the barrier, the pygmies speared one of the animals to death and later cut it into pieces. This task apparently took several days due to the size of the animal, which was described as being bigger than a forest elephant with a long neck, a small snake-like or lizard-like head, which was decorated with a comb-like frill. The pygmy spearmen also described a long, flexible tail, a smooth, reddish-brown skin and four stubby, but powerful legs with clawed toes. Pastor Thomas also mentioned that the two pygmies mimicked the cry of the animal as it was being attacked and speared.

Later, a victory feast was held, during which parts of the animal were cooked and eaten. However, those who participated in the feast eventually died, either from food poisoning or from natural causes.

Christian Le Noël, que esteve no Lago Tele em 1974, entrevistou um nativo que **afirmou que seus pais haviam participado do abate de um "rinoceronte aquático" com chifre e couro escuro**, o que teria ocorrido em 1958 ou 1959.

Nicolas Mondongo, um informante, afirmou para Powell e Mackal que havia visto um Mokele-mbembe em 1960 quando seguia de canoa por um rio da região. Situado a 12 metros do animal, ele **observou uma criatura com pele avermelhada, com cerca de 10 metros de comprimento e 2 metros de altura**.

Figura 19: trecho sobre o avistamento.

Nicolas saw most of the body, including the upper part of four legs and part of the underbelly at the front ... The long neck was as thick as a thigh at the base, reddish brown in colour, and the head bore a ridge or frill, like the comb of a rooster. Nicolas estimated the distance, from where he stood on the riverbank and where the animal was, to be about 12 metres. He could see its whole length in the water and estimated it to be about 10 metres from tip of head to tip of tail. If the animal had been standing on dry land, Nicolas thought it would be about 1-1.5 to 2 metres in height, with an overall head-neck length of about 2 metres. Its tail was certainly longer than its neck, but he could not judge its exact length because it was mostly down in the water. He also described the differentation between the back of the head and the neck region as clearly delineated, although the head was not very much larger in diameter than the neck region immediately behind the head.

Nas vésperas de sua segunda expedição, Mackal recebeu uma carta de J. M. Lefebvre na qual o autor alegava ter visto um Mokele-mbembe em 1963. O relato afirmava ter visto **uma espécie de depressão no solo**, formada como se um saco de carvão fosse arrastado na areia, acompanhada de, em cada lado, **depressões circulares com 90 centímetros de diâmetro e, aparentemente, cinco dedos**. Arbustos ao redor **haviam sido quebrados**.

Os guias se recusaram a prosseguir, e o autor e seu amigo decidiram seguir o conselho. Na volta, viram, a cerca de 1600 metros de distância, **um animal com um pescoço de cerca de 10 metros de altura, e com comprimento de 10 metros**.

Na primeira expedição, David Mambamlo, um professor, alegou ter visto um Mokele-mbembe em 1978. A criatura foi **vista em um rio, saindo da água com o pescoço, seguido por suas costas**.

Em 1981, Mackal **retornou ao Congo para sua segunda expediçã**o, dessa vez acompanhado de Jack Bryan, um empresário texano. Ele alegou ter entrado em contato com um Mokele-mbembe, pois, ao navegar um rio, **notou um grande rastro na água, com 25 centímetros de altura**. Segundo ele, esse rastro não poderia ser feito por um elefante, pois elefantes não conseguem submergir – abordaremos essa alegação adiante.

Figura 20: trecho mencionado.

After completing a curve in the Likouala River (north of Epena), a large wake (approximately 5 inches high) was observed originating from the east bank; under the circumstances, such a wake could only be caused by the sudden submersion of a large animate object. Crocodiles do not leave such wakes, and elephants and other large mammals cannot submerge, with the exception of the hippopotamus. Our understandin was (and is) that hippos do not exist in the Likouala swamps, and villagers on the Likouala never see them (they are found in the Ubangi, on the edge of the Likouala swamps). The wake is therefore cataloged as having been made by a large, unknown animal.

Herman Regusters, um engenheiro aeroespacial e criptozoólogo, pretendia participar da expedição de Mackal, mas não conseguiu. Porém, no mesmo ano, **ele liderou sua própria expedição junto da esposa, Kia**. Eles registraram vários supostos encontros com a criatura.

Em um deles, feito às 17:30 do dia 28 de outubro, relata **perturbações vistas na água** ao navegar pelo lago, **em uma situação de clima limpo e tranquilo, sem movimento perceptível de ar**.

Figura 21: registro em questão.

At 5:30 on the evening of October 28th, we noticed perturbations in the glass-smooth surface of the lake, which implied the presence of a sizeable object ... the velocity and magnitude of the surface disruption exceeded that which would have resulted from any of our watercraft. The weather was clear and calm, with no noticeable movement of air.

Na manhã seguinte, às 6:30, um objeto na água foi visto pela equipe, algo que também se repetiu nos dias 1 e 2 de novembro. Porém, tudo o que foi visto pela equipe **foi um pescoço para cima da água, que submergiu depois de algum tempo**.

Eles também ouviram um grande rugido, que **foram capazes de gravar e supostamente não é compatível com nenhum animal conhecido**. Abordaremos essa gravação mais adiante.

Figura 22: trecho correspondente.

On the following morning at 6:30, a moving object was again sighted by one of the men. I estimated it to be about 1.5 kilometers southwest of our location, as it moved south, away from us. A long neck-like member was witnessed by every member of the scientific team, except the photographer. At least ten members of the Boa group also witnessed the event. The color of the object could not be determined, appearing only as a dark color. After we had watched it for more than five minutes, it submerged and did not surface again. Two additional brief sightings of a similar kind were made by members of the scientific team on November 1st and 2nd. At 11:45 on November 4th, as Kia and I investigated the southernmost lobe of the lake, an extraordinary and loud animal cry was heard. It came from the jungle along the shore of the lobe, and seemed to be not more than 40 or 50 meters into the thicket. The cry can best be described as starting with a low windy roar, then increasing to a deep-throated trumpeting growl. Sounds of a large beast making through the bush were clearly distinguishable, as it moved away from us farther into the swamp. The roar recurred in about five minutes and then was not heard again. After a lapse of about 30 minutes, we disembarked from the boat and entered the jungle in an attempt to locate some trace of the beast. However, the standing water and soft leaf beds obstructed any such possibility. Subsequently, the cry was heard by all members of our party, at various times throughout our stay at the lake. The Congolese attributed its source to the mokele-mbembe. Attempts to record the sound on several occasions resulted only in rather poor quality productions, owing to the high level of foreground noises.

Às 9 da manhã do dia 24 de novembro, vários membros da equipe **observaram um objeto grande na água, na forma de um calombo no rio**. O avistamento durou oito minutos.

Figura 23: trecho em questão.

At 9:00 a.m. of November 24th, the appearance of a very large object moving through the water was witnessed by four members of the expedition, Étienne, Djoni, Honoré, and the Boa chief. It was about one kilometer distant, at the north end of the lake between the ninth and tenth lobes. As they watched, the object moved through the water, leaving a visible wake on the surface. No head or neck members could be seen above the water level because of the distance. The object was described as appearing dark-brown in color, and smooth-surfaced. It was observed for about eight minutes, part of that period with the aid of binoculars, after which it submerged and did not reappear. All four of the observers were intimately familiar with the fauna of the area, and agreed that the object was much too large to have been the back of a hippopotamus, which in any case is not indigenous to the region. The profile of a crocodile would have not been visible at such a distance. The observers were in full agreement that what they had seen constituted, in appearance and behavior, something totally beyond their personal experience.

Na tarde do dia 27 de novembro, **o mesmo som foi ouvido, seguido de um som de algo grande entrando na água**. Além disso, Kia **observou um pescoço saindo da água, para então submergir**.

Figura 24: trecho em questão.

In the early afternoon of November 27th, while exploring the first lobe at the southernmost point of the lake, Étienne and Kwabena, members of the scientific team, heard the same loud growling sound at close proximity. It was shortly followed by the unmistakable splash of something huge entering the water. A little later, during an exploratory trip at the northern end of the lake between lobes nine and ten, Kia was surprised by the appearance of a long, serpent-like neck emerging from the water, at an estimated distance of about 30 meters, and facing in the direction of the boat. The broad neck tapered into a slender head about two meters above the water. In the bright midday sun, its color appeared to be dark gray and its skin smooth. After wavering from side to side only once, the head and neck entered the water straight down, vertically, as the creature submerged swiftly. Apparently it had seen the boat and its occupants, yet no aggressive action was instituted. The entire episode lasted for no more than five seconds, and in the surprise of the moment few other distinguishable features were observed. The animal did not reappear during the rest of that day.

Uma investigação da mesma época, publicada sob o título de *Congo Expeditions Inconclusive*, apontou que **apenas Herman e Kia alegaram avistar o Mokele-mbembe**, com **nenhum dos congoleses corroborando com essa identificação**.

9. NO QUE AS EXPEDIÇÕES DO COMEÇO DA DÉCADA DE 80 RESULTARAM?

Inicialmente, uma lenda na Zâmbia e no Zimbábue foi **apresentada em um livro como conhecimento local sobre saurópodes vivos**. Nativos responderam essa alegação, indicando que **se tratava apenas de um folclore local a respeito de uma quimera monstruosa**.

Após algum tempo, duas notícias **sustentaram a existência de um saurópode vivo no Congo** com base **em outra lenda do folclore local**, dessa vez apresentando o nome da criatura como Mokele-mbembe. Mais uma vez, moradores locais, em sua maioria colonos, indicaram que a notícia **era produto de uma brincadeira**, e que a criatura em questão **era outra quimera do folclore local**.

Porém, nesse momento, a associação entre o Mokele-mbembe e um saurópode **já estava construída no Ocidente**, e muitos exploradores visitaram o Congo, colheram alguns depoimentos sobre a criatura, e **os apresentaram como testemunhos da existência de um saurópode**.

Foi nos anos 80 que **dezenas de depoimentos apresentados como evidência do Mokele-mbembe chegaram ao Ocidente**, apesar de todos eles **terem sido produzidos por apenas algumas expedições**.

Em primeiro lugar, isso fez com que pessoas no Ocidente criassem uma noção ainda mais reforçada na existência de **um saurópode vivo no Congo, cuja existência era conhecimento comum dos nativos, que o chamavam de Mokele-mbembe**. No entanto, isso **continuava longe de ser verdade**.

Um estudo do folclore de um povo e de paralelos com a fauna local **requer a presença de biólogos e antropólogos**, mas todas as expedições **foram conduzidas por entusiastas de criptozoologia, a maioria sem qualquer formação nessas áreas**.

Consequentemente, os relatos levantados por essas expedições **estavam contaminados pelo viés dos seus membros**. Em primeiro lugar, desconsiderou-se que muitos avistamentos estranhos feitos pelos membros da expedição ou por antigos colonos **poderiam apenas ser decorrência de desconhecimento da fauna local**.

Em segundo lugar, desconsiderou-se que, quando um nativo mencionava ter visto o Mokele-mbembe, ele **não estava necessariamente alegando ter visto um saurópode**, mas sim **a imagem folclórica que ele possui da criatura** – que foi extremamente mal documentada.

Esse tipo de pesquisa antropológica requer observação sem intervenção. Porém, **o exato oposto foi feito**: ao procurar pelo Mokele-mbembe, os exploradores **pagavam para guias que tivessem pistas de um saurópode**, **compravam artefatos que pudessem leva-los a um saurópode** e, aos nativos que não conheciam a criatura, **a apresentavam como um saurópode**.

Os próximos anos foram marcados por uma avalanche de explorações em busca do Mokele-mbembe que **também não respeitavam o princípio da observação sem intervenção**, o que contribuiu para que a imagem do folclore local sobre uma quimera monstruosa **fosse transformada em uma imagem de um saurópode vivo**.

Como o Mokele-mbembe jamais foi uma criatura de relevância religiosa, **reimaginá-la foi um processo relativamente rápido**. De 1980 em diante, os nativos cada vez mais ou **sabiam que associar o Mokele-mbembe com um saurópode seria mais lucrativo**, ou **já eram ensinados sobre o Mokele-mbembe em sua forma de saurópode**.

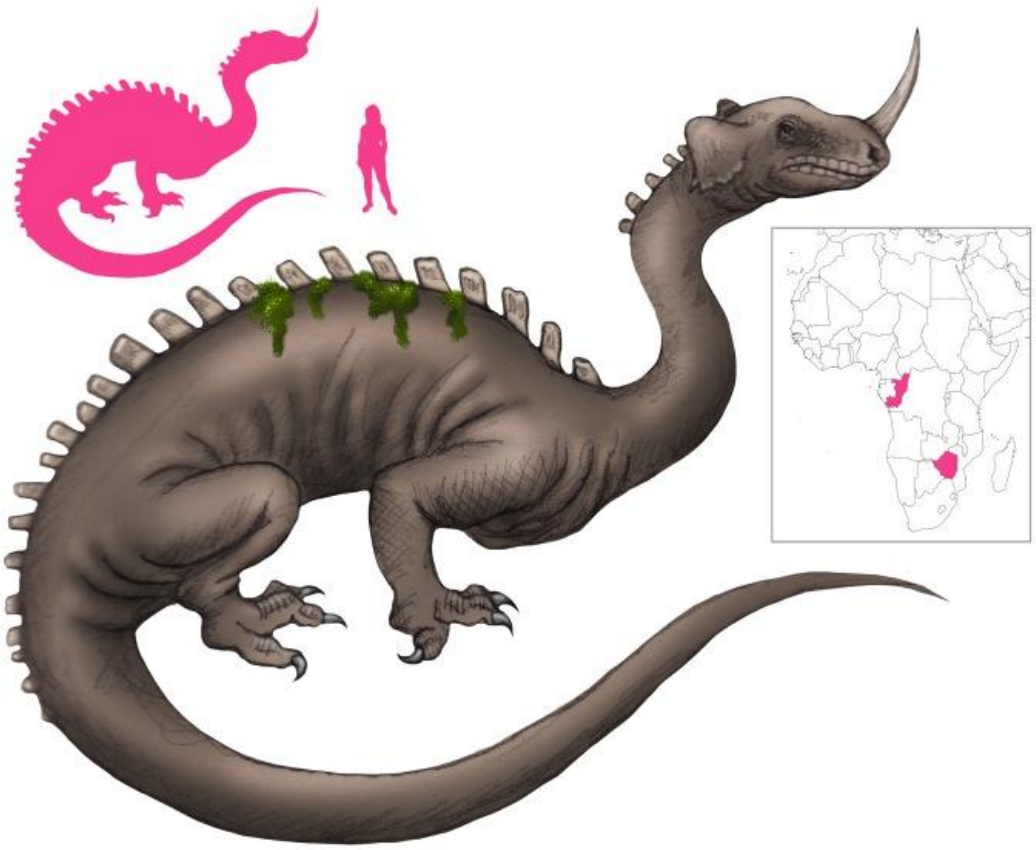
10. MAS QUAL ERA A IMAGEM ORIGINAL DO MOKELE-MBEMBE?

Infelizmente, nenhum pesquisador conhecido visitou o Congo antes das expedições da década de 80 e solicitou que um desenho do Mokele-mbembe fosse produzido. Atualmente, esse processo é provavelmente fútil, já que **a imagem já foi alterada para um dinossauro saurópode vivo**.

Porém, o registro de von Stein **parece ser o mais próximo da lenda congolesa**, especialmente porque não tem a intenção de advogar pela existência de um saurópode vivo, mas de apenas de reportar uma criatura do folclore local.

Baseado nele, um artista anônimo, responsável pelo blog *A Book of Creatures* (https://abookofcreatures.com/2020/04/10/mokele-mbembe/) **produziu um desenho da criatura**.

Figura 25: representação do Mokele-mbembe.



Sabemos, também, que a lenda do Mokele-mbembe possui quatro temas recorrentes no folclore. O primeiro deles **é o de réptil gigante**, presente em mitologias do mundo todo, cuja origem **remonta ao medo ancestral de humanos por serpentes**.

O segundo **é o de assassino de bestas**, também presente em mitologias do mundo todo, uma **consequência natural do desejo humano de conquistar os animais mais poderosos e ameaçadores** de seu ambiente – no caso do Congo, elefantes e hipopótamos.

O terceiro **é o de unicórnio**, afinal, o Mokele-mbembe possui um chifre – detalhe esse que costuma ser ignorado porque não é compatível com um saurópode. Unicórnios possuem significados diferentes em diferentes mitologias, mas estão presentes no mundo todo provavelmente **em decorrência de fósseis de animais** como rinoceronte-lanudo, **quanto de animais vivos** como o rinoceronte e o narval.

O quarto **é o de criatura capaz de parar rios**. Esse é um tema comum em várias mitologias porque **rios eram fontes de sustento e meios de transporte**, o que significa que uma criatura com essa habilidade era uma ameaça para a subsistência de um povo.

11. O QUE AS EXPEDIÇÕES APÓS 1980 TROUXERAM?

Em 1983, o biólogo congolês Marcellin Agnagna liderou uma expedição ao Lago Tele e **alegou ter visto o Mokele-mbembe de perto por 20 minutos**. Ele tentou filmá-lo, mas alegou que, em sua empolgação, **esqueceu de retirar o protetor da lente da câmera** – já um ano depois, **sua versão mudou,** alegando que a filmagem foi arruinada porque **a câmera estava configurada para macrofotografia**. Ainda assim, **nenhuma filmagem jamais foi apresentada**.

Em 1985, Rory Nugent **viu um objeto curvilíneo se movendo no lago** que produzia ondas. Ele tentou investiga-lo com um barco, mas foi impedido por nativos armados. Algumas **imagens foram produzidas**.

Entre 1985 e 1986, quatro jovens criacionistas ingleses liderados por William Gibbons contrataram Agnagna para uma expedição denominada *Operation Congo*, mas, **além de não encontrarem a criatura**, **alegaram que o congolês mentiu e roubou mantimentos**.

Também em 1986, uma expedição composta de quatro holandeses liderados pelo biólogo Ronald Botterweg explorou o rio Ubangi na direção do Lago Tele. **Nenhum sinal do Mokele-mbembe foi observado**.

Em 1988, uma expedição japonesa contratou Jose Bourges, um especialista congolês em vida selvagem. No Lago Tele, em uma região com no máximo 3 metros de profundidade, **eles observaram as costas de um animal movendo vagarosamente**.

Em 1992, uma equipe de televisão japonesa estava filmando um **documentário quando notou um objeto preto se movendo na superfície do lago**, para, em seguida, submergir.

Gibbons voltou em 1992 em uma expedição que batizou *Operation Congo II*, mais uma vez **falhando em encontrar evidências da criatura**. Em 2000, Gibbons voltou ao Congo na *Operation Congo III*, mais uma vez **não encontrando evidências da criatura**, e alegando

que um rinoceronte folclórico com seis chifres era um estiracossauro. Em 2001, Gibbons ainda participaria de uma expedição a Camarões organizada por uma sociedade canadense de criptoozologia, **mas não teria sucesso em sua busca**.

Em 2006, uma expedição liderada por Milt Marcy viajou no Rio Dja, em Camarões, **conheceu pessoas que disseram ter visto o Mokele-mbembe** e **produziu um molde de uma pegada da criatura**.

Em 2008, o canal SyFy produziu um episódio de *Destination Truth* a respeito do Mokele-mbembe **no qual um vídeo de um objeto no rio foi produzido**. Em 2009, foi a vez do canal History Channel produzir um episódio de *MonsterQuest* a respeito da criatura que **encontrou uma caverna com respiros e objetos serpentiformes em uma leitura de sonar abaixo do lago**.

Infelizmente, encontramos apenas fontes secundárias que analisaram essas evidências e apontaram que **a caverna era pequena demais para um saurópode**, e a imagem de sonar **poderia ser qualquer objeto sólido no lago**.

12. QUAIS ANIMAIS PODEM SER CONFUNDIDOS COM O MOKELE-MBEMBE?

Muitos dos avistamentos que aqui abordamos foram feitos não por nativos congoleses, **mas por colonos europeus ou por aventureiros europeus e americanos em visita** que **sequer tinham alguma formação em biologia** e, muito provavelmente, conheciam a megafauna africana apenas através de imagens e zoológicos.

O avistamento de Sanderson menciona um animal com "cabeça maior que um hipopótamo". Porém, caso Sanderson assumisse que todo animal visto no rio possuía apenas a cabeça para fora, então **um hipopótamo com o tronco parcialmente submerso poderia ser confundido com o Mokele-mbembe**.

Figura 26: visto a distância, pode-se ter a impressão de um animal com uma cabeça muito grande.

Além disso, as costas de um hipopótamo **podem ser confundidas, a distância, com um objeto desconhecido**. O vídeo feito pelo canal ScyFy, inclusive, **foi apontado segundo algumas fontes como mostrando dois hipopótamos** – por mais que não tenhamos conseguido obtê-las para checar essa conclusão.

Figura 27: hipopótamo.

Figura 28: hipopótamo visto a certa distância.

O desconhecimento dos exploradores sobre vida selvagem é evidenciado quando ele afirma "*elephants and other large mammals cannot submerge*". Na realidade, **tanto elefantes quanto hipopótamos são capazes de submergir**, o que significa que **ambos são candidatos para situações em que ondulações são vistas em um lago sem causador aparente**.

Figura 29: hipopótamo submerso.

Figura 30: elefante submerso.

Mais do que isso, elefantes **são ótimos candidatos para explicar avistamentos nos quais apenas o pescoço do Mokele-mbembe é visto acima da água**, uma vez que elefantes respiram através de orifícios em suas trombas e **costumam mantê-las acima da**

superfície. Quando as costas também são visíveis, esses animais **parecem ainda mais com saurópodes**.

Figura 31: tromba de elefante acima d'água.

Figura 32: elefantes na água com as costas visíveis.

Vale lembrar que muitos avistamentos foram feitos por alguém em uma pequena embarcação navegando por um rio onde acreditava existir animais que destroem embarcações. Logo, **a adrenalina e o pânico se manifestam e comprometem a habilidade do explorador em julgar o que viu**.

Um animal sugerido como candidato para uma minoria dos avistamentos **é a tartaruga de carapaça mole africana**, que **pode medir mais de um metro de comprimento e possui um pescoço alongado**.

Figura 33: tartaruga de carapaça mole africana.

13. QUAIS REGISTROS SÃO INDISTINGUÍVEIS DE OBJETOS INANIMADOS?

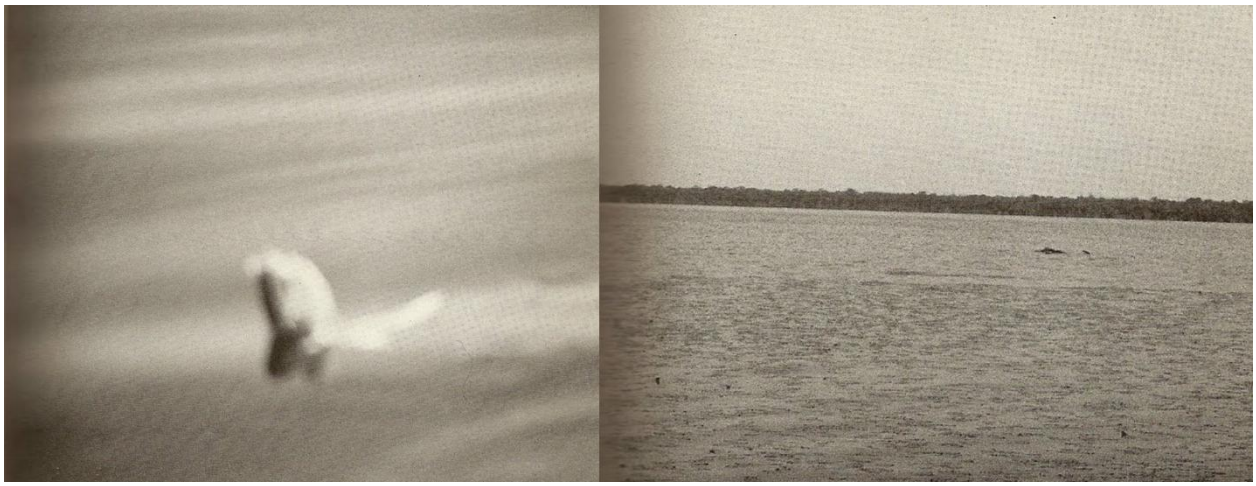
Muitos registros do Mokele-mbembe mostram meros objetos no lago, e **podem facilmente mostrar objetos inanimados, como troncos de madeira, flutuando na superfície**.

Uma imagem, feita no Camarões, **possivelmente mostra um tronco curvado**.

Figura 34: imagem em questão.

As imagens de Rory Nugent **sofrem do mesmo problema**.

Figura 35: imagens de Rory Nugent.



Uma filmagem de 1999 (https://www.youtube.com/watch?v=D1462XCXUxI) **não mostra nada além de pixels extremamente borrados** e, por um breve instante, **um objeto retilíneo na água**.

Figura 36: trecho da filmagem.

14. QUAIS REGISTROS SÃO FORJADOS?

Alguns registros são puramente forjados. Um deles (https://www.reddit.com/r/Cryptozoology/comments/1ewhx31/i_came_across_this_puzzling_claimed_photo_of_the/) **sequer foi originalmente produzido para o Mokele-mbembe**, mas sim para Chan, uma criatura que habita um lago no México. A imagem **provavelmente mostra um saurópode de brinquedo em uma poça d'água**.

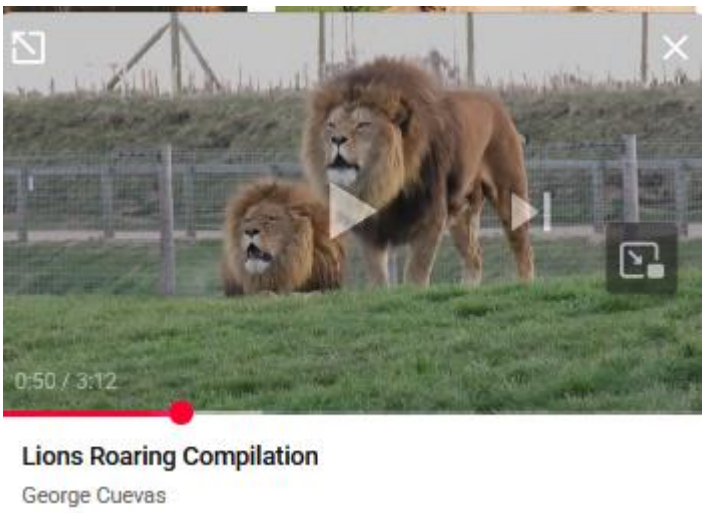
Figura 37: imagem em questão.

15. O SOM GRAVADO POR REGUSTERS E KIA TEM IDENTIFICAÇÃO?

O som gravado pelo casal em sua busca pelo Mokele-mbembe pode ser ouvido em https://www.youtube.com/watch?v=Nhw27gGwXCk. A trilha sonora contém um ruído de motor de barco e, em alguns momentos (como aos 14 segundos), um rugido.

Porém, esse rugido **é bastante semelhante ao de alguns leões**, como pode ser ouvido em https://www.youtube.com/watch?v=uFcZhH_wFbs.

Figura 38: rugidos de leões.



Nos comentários, alguns afirmam que o som se parece com reconstruções modernas de dinossauros. O som é de fato parecido, mas **primariamente com reconstruções de terópodes** (como o carnotauro ou o tiranossauro)**, e não de saurópodes**.

16. HÁ REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS ANTIGAS DO MOKELE-MBEMBE?

Diversas obras citam pinturas rupestres que mostrariam o Mokele-mbembe, mas poucas realmente exibem as ditas pinturas. Porém, uma caverna na Rodésia possui alguns quadrúpedes com caudas e pescoços alongados, dos quais um deles é associado com um saurópode. Ao passo que as pinturas são reais, elas **geralmente são identificadas como lagartos, especialmente o lagarto monitor**.

Figura 39: pintura rupestre.

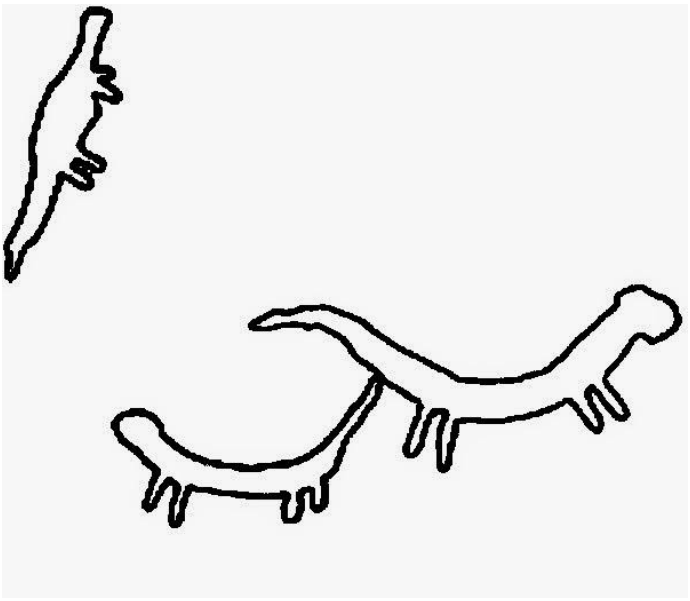


Figura 40: lagarto monitor.

Outra imagem, de uma caverna na Tanzânia – onde **sequer é território do Mokele-mbembe** – traz um animal com pescoço longo coberto por apêndices. Ela também é real, **mas tradicionalmente associada com uma girafa**.

É também importante notar que, nessa pintura, um homem é representado no canto inferior direito **com proporções nada usuais**, com pernas muito pequenas e um pênis que vai até abaixo do joelho.

Figura 41: pintura rupestre.

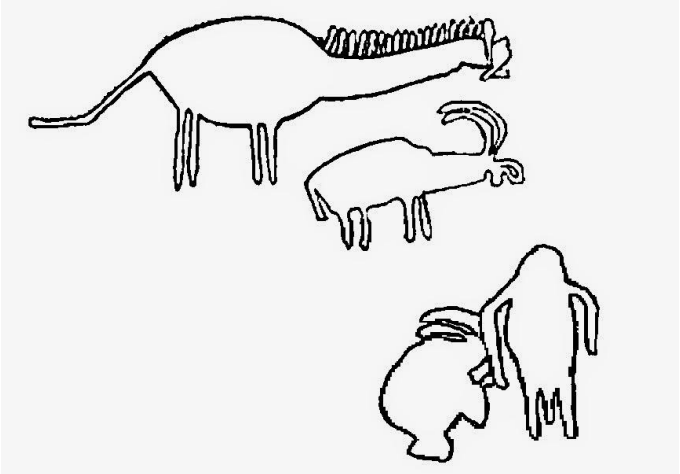


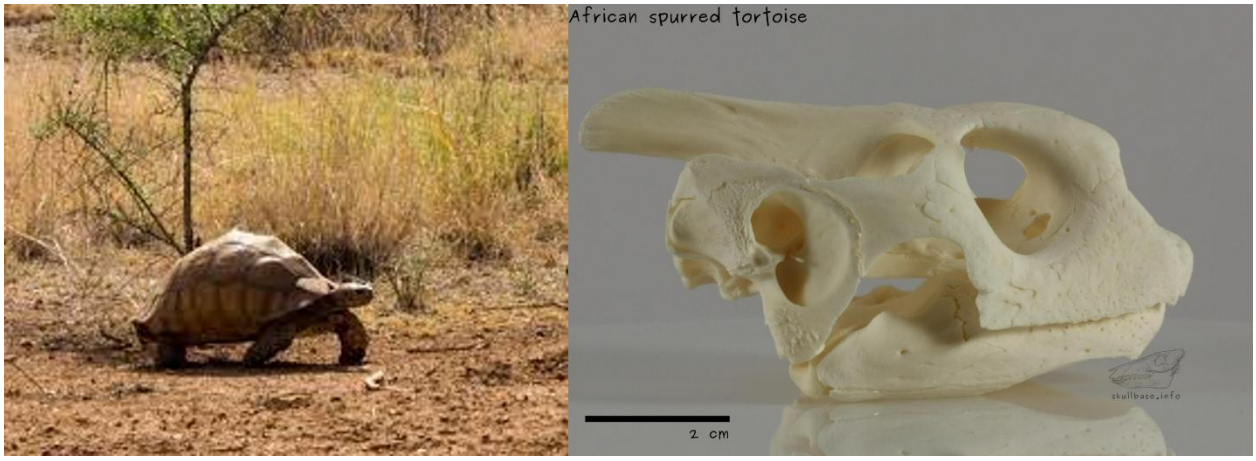
Figura 42: girafa.

Há uma escultura de ouro proveniente de Gana fotografada em 1967 para o livro *African Miniatures: The Golden Weights of Ashant* que **lembra um saurópode com a cabeça exagerada**.

Figura 43: escultura em questão. O rabo

Considerando que a imagem é estilizada – uma premissa que **precisa ser acatada para um saurópode**, pois nenhum saurópode possui a cabeça do tamanho do corpo – pode-se **considerar a tartaruga de esporas africana como uma candidata**. Há, inclusive, **semelhança entre seu crânio e a cabeça da escultura**.

Figura 44: tartaruga e seu crânio.



Há, por fim, uma escultura que indubitavelmente mostra um saurópode lutando com outro animal. A peça está em um retiro na Irlanda mantido por missionários, e **não há quaisquer pistas sobre seu ano de produção**, o que levanta suspeitas de **ser uma obra moderna feita a partir do interesse ocidental no Mokele-mbembe**, e não uma

representação dos nativos. Porém, um missionário alega que a peça está no local desde os anos 50.

Figura 45: peça em questão.

17. O QUE SÃO OS MOLDES DE PEGADAS E OS CAMINHOS FOTOGRAFADOS?

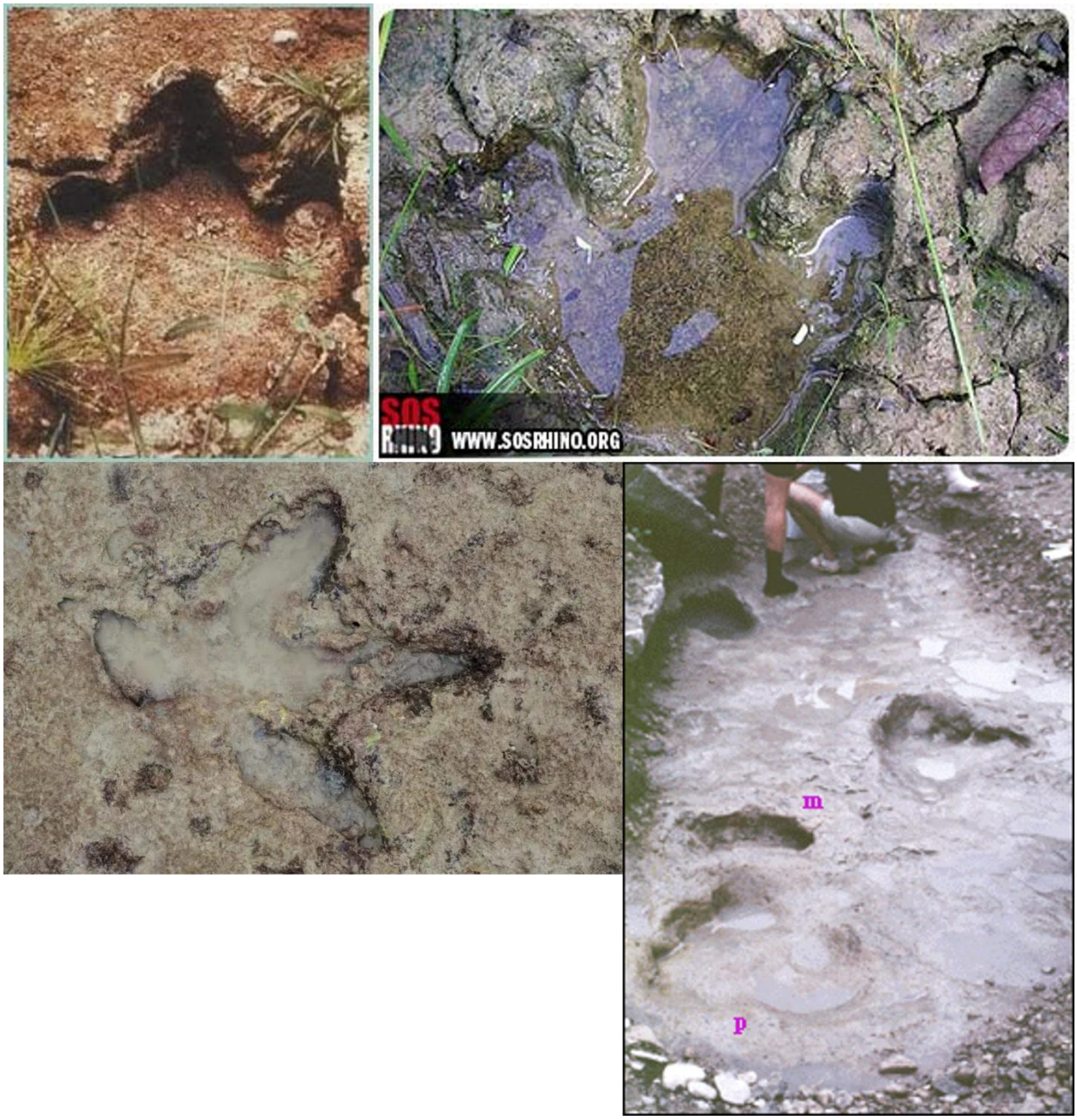
Muitos exploradores encontraram trilhas supostamente feitas pelo Mokele-mbembe. Porém, muitos animais conhecidos, como elefantes e hipopótamos, **percorrem repetidamente o mesmo caminho e criam trilhas do tipo, quebrando galhos e arbustos quando necessário**.

Figura 46: trilhas de elefantes.

Figura 47: trilhas de hipopótamos.

Pegadas, por outro lado, são indícios mais fáceis de serem relacionados com certas espécies. Porém, as pegadas apresentadas como pertencentes ao Mokele Mbembe, quando individuais, **não se encaixam nos cálculos de pressão e afundamento esperados** e, quando em conjunto, **não obedecem à simetria esperada para um animal quadrúpede**.

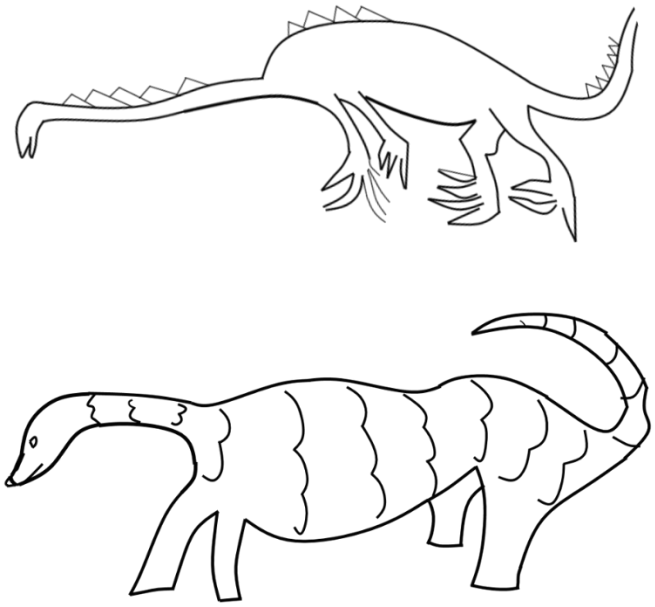
Figura 48: supostas pegadas.



18. PESSOAS DESENHAM O MOKELE-MBEMBE COMO UM SAURÓPODE?

Muitos mostram livros de animais conhecidos da região com saurópodes e solicitam que um nativo identifique o Mokele-mbembe ou que desenhem a criatura. Isso quase sempre resulta na identificação com o saurópode, o que **costuma ser explicado pela influência moderna** – tal experimento seria valioso no começo do século XX, mas não mais hoje em dia.

Figura 49: desenhos atuais.



Porém, é possível que parte dessas identificações, especialmente nos casos em que o entrevistador guia o entrevistado, se devam **a escolha da criatura exótica que mais se assemelha ao Mokele-mbembe.** Se o entrevistado é encorajado a identificar um saurópode, **ele provavelmente irá escolher devido ao pescoço longo**.

Porém, um documentário produzido pela BBC em 2001 (https://x.com/Trey_Explainer/status/1882580630074191949/video/1) mostrou imagens

de rinocerontes, que não são mais nativos do Congo, e **nativos o identificaram como o Mokele-mbembe**, provavelmente em função do chifre.

Figura 50: trecho do documentário.

19. O MOKELE-MBEMBE PODE SER UM RINOCERONTE?

Rinocerontes não habitam naturalmente o Congo há um tempo considerável, mas muitos autores sugerem que a lenda do Mokele-mbembe **possa ser remanescente da época em que esses animais viviam no local ou, ainda, de restos mortais encontrados**.

Figura 51: rinoceronte.

Nesse contexto, **a identificação da criatura abatida por nativos em 1958 com um rinoceronte faz algum sentido**, uma vez que, dentre a fauna africana, o rinoceronte é o único que tem um tamanho colossal, que é feroz e que representa uma ameaça para humanos apesar de ser um herbívoro.

Povos nativos da região **costumam caçar animais de pequeno e médio porte** – não elefantes ou hipopótamos – o que significa que consumir a carne de um rinoceronte como uma celebração de vitória **pode resultar em doenças caso o preparo não leve em consideração diferenças no alimento**.

20. CONCLUSÕES

Assim, podemos concluir que **o Mokele-mbembe é uma criatura quimérica do folclore congolês** que, graças às publicações falsas ou errôneas, **as quais foram contestadas por nativos**, se tornou conhecida no Ocidente como um saurópode vivo.

Gradualmente, com a chegada de novas expedições a partir da década de 80, a visão ocidental a respeito do Mokele-mbembe **foi incorporada ao folclore congolês** de forma que, no presente, congoleses também associam a criatura com um saurópode.

Apesar disso, todas as expedições **falharam em encontrar provas que pudessem ser definitivamente associadas ao Mokele-mbembe**, e muitas delas podem ser, com extrema facilidade, **associadas à animais usuais**.